

GÊNERO INCLUSIVO NA LÍNGUA PORTUGUESA: O “TODES” COMO INSTRUMENTO DE REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO NÃO BINÁRIO ATRAVÉS DA LINGUAGEM

Micaele da Silva Leite ¹
Noelma Cristina Ferreira dos Santos ²

RESUMO

A língua é suscetível a mudanças, pois está a serviço da sociedade e pode variar de acordo com as transformações sociais. Embora pareçam acontecer de modo arbitrário, essas transformações surgem a partir de motivações e, pelo uso, é natural que algumas se consolidem na língua. Uma das variações que temos observado, atualmente, refere-se ao uso de uma linguagem que está sendo chamada de “neutra”, por adicionar o gênero neutro (inclusivo) às palavras que se referem a pessoas consideradas não-binárias. Assim, esta pesquisa surgiu a partir de inquietações quanto à utilização do termo “todes” na língua portuguesa, considerando que seu uso varia de acordo com quem o utiliza: ora direciona-se a um público heterogêneo; ora é usado para separar as pessoas em gênero. Nesse sentido, o presente estudo objetiva investigar em que contextos morfossintático e discursivo ocorre o pronome “todes” nas publicações do *Twitter* durante o mês de agosto de 2022. Como objetivos específicos, a proposta é analisar o uso da palavra “todes” na Língua Portuguesa como forma de representação do sujeito não-binário e descrever, morfossintaticamente, a modificação de desinências de gênero masculino e feminino em determinados vocábulos para concordarem com o gênero “neutro”. A investigação acontece por meio de uma abordagem qualitativa; no processo de coleta de dados, esta pesquisa se caracteriza como documental e também segue o processo metodológico da netnografia; no processo de análise de dados, a pesquisa se caracteriza como descritiva. O estudo baseia-se em Fiorin (1990), Fairclough (2001), Mäder (2015), Defendi e Gomes (2019), Cavalcante (2022), entre outros. Os resultados obtidos mostram que o “todes” é utilizado para se dirigir a um público diverso, principalmente em contextos de saudação. É aplicado como um termo marcador de gênero inclusivo sem modificar, em sua maioria, as demais palavras do discurso para que haja concordância.

Palavras-chave: Linguagem neutra. Variação de palavras. Gênero inclusivo. Todes.

INTRODUÇÃO

As transformações na língua acontecem desde que ela foi instituída como instrumento de comunicação entre indivíduos. Isso se dá pela necessidade de representar, por meio da linguagem, os pensamentos, crenças e ideologias. Assim, quando não existe, ainda, uma forma

¹ Graduada no Curso de Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, micaeleleite26@gmail.com.

² Professora orientadora: Doutora em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (Proling) da Universidade Federal da Paraíba; Docente da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/CCHE), noelmasantos@servidor.uepb.edu.br.

de se dizer o que se quer dizer, os indivíduos criam novas formas de linguagem. Essas variações, por vezes, parecem acontecer de modo arbitrário e, pelo uso, firmam-se na língua dos falantes. Além disso, as mudanças sociais têm influência direta nas formas de utilização da língua para funcionar como objeto de representação do eu e do outro.

Atualmente, tem-se uma maior visibilidade da comunidade LGBTQIA+³ e, com isso, a inclusão dessas pessoas em diversas camadas sociais – o que antes era mais difícil pelo preconceito –, conseqüentemente, esse grupo passou a sentir a necessidade de representação por meio da linguagem. Essa ausência de representação instala-se pela crença de que o morfema zero nas palavras da língua portuguesa não corresponde ao gênero não marcado; pelo contrário: identifica o gênero masculino. Desse modo, passa a existir um morfema marcador de gênero “neutro” para modificar as palavras e, assim, ter um discurso genérico, que inclua pessoas do gênero masculino, feminino e não-binárias.

Dessa forma, partindo do pressuposto de que não há um gênero “neutro” na Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) e de que a dicionarização de uma palavra se dá a partir de seu uso em diferentes contextos sociais e políticos, pretendemos responder ao seguinte questionamento: (i) Em que contextos morfossintático e discursivo ocorre o pronome “todes” nas publicações do *Twitter*, durante o mês de agosto de 2022?

Esse questionamento geral nos conduziu à realização da pesquisa com os seguintes objetivos: analisar o uso da palavra “todes” na Língua Portuguesa como forma de representação do sujeito não binário; bem como descrever, morfossintaticamente, a modificação de desinências de gênero masculino e feminino em determinados vocábulos para concordarem com o gênero “neutro”.

Para que isso seja possível, realizaremos uma pesquisa de natureza qualitativa, que, segundo Chizzotti (2003), busca o sentido de um determinado fenômeno e os significados dados a ele pelas pessoas. Esta pesquisa se caracteriza como documental, pois “trata da organização do manuseio de informações.” (CHIZZOTI, 1991, p. 109 apud ANDRADE, 2004, p. 55). Além disso, partiremos do processo metodológico da netnografia, tendo em vista que analisaremos postagens em uma rede social e, de acordo com Soares e Stengel (2021), nesse campo de pesquisa, utiliza-se as mídias sociais como fonte de dados. No processo de análise de dados, a pesquisa se caracteriza como descritiva, pois, como afirma Gil (2008, p.29), “as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou

³ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual; O + é usado para incluir outras identidades de gênero ou orientações sexuais.

fenômeno [...]”, dessa forma, faz parte dos nossos objetivos descrever um fenômeno, o uso do pronome “todes” no português brasileiro, e suas características morfossintáticas e discursivas.

Para a composição do *corpus*, selecionamos publicações do *Twitter* entre os dias 01 e 31 de Agosto de 2022, buscando por postagens atuais em que foi utilizado o termo “todes” por internautas brasileiros e, com isso, perceber a frequência de uso dessa forma de linguagem. Desse modo, coletamos 10 postagens de cada dia, totalizando 310; após isso, fizemos um levantamento das postagens, observando o contexto sintagmático do “todes”, ou seja, identificamos ocorrências em sintagmas nominais e sintagmas preposicionados. Em seguida, organizamos esses dados em 6 categorias e, por fim, analisamos publicações representativas do uso da linguagem “neutra”, através do pronome “todes”, encontradas em todo o corpus.

Para embasar este estudo, utilizaremos os pressupostos teóricos de Fairclough (2001), que apresenta as relações sociais de poder por meio da linguagem; Fiorin (1990), que expõe a linguagem atrelada à ideologia; Mäder (2015) e Defendi e Gomes (2019), os quais direcionam discussões a respeito das noções de gênero gramatical e gênero social; e Cavalcante (2022), apresentando dados a respeito da utilização de uma linguagem “neutra” na Língua Portuguesa entre outros pesquisadores.

1. VARIAÇÕES NA LÍNGUA PORTUGUESA COMO PARTE DAS MANIFESTAÇÕES SOCIAIS

A Língua Portuguesa, assim como outras línguas ocidentais, tem, em sua gramática, a variação em gênero. Por muitos anos, utilizou-se apenas o gênero masculino como um termo geral, um exemplo disso é o pronome indefinido “todos”, usado para se referir a todas as pessoas presentes em um ambiente, independentemente do sexo. Após discussões sobre a importância da inclusão de termos de gênero feminino ao se dirigir a um grupo de homens e mulheres, passou-se a utilizar termos binários em discursos proferidos a um público heterogêneo, tal como: “Bom dia a todos e a todas”. Em seguida, surge a utilização de uma suposta forma “neutra” de gênero gramatical com as seguintes formações: “tod@s” ou “todxs” com o intuito de se referir a um público diverso, contendo pessoas de gênero masculino, feminino e não-binárias.

Contudo, esse uso, da maneira em que é escrito, não tem um fonema correspondente, por isso, gera problemas de leitura para pessoas com deficiência visual que utilizam aplicativos de leitura, por exemplo. Por esse motivo, atualmente, surge o termo “todes” e, com ele, uma tentativa de modificar vocábulos, tais quais pronomes e substantivos a partir

da substituição da desinência nominal de gênero dessas palavras, assim, ao invés de “-a” ou “-o”, usa-se “-e”. Essa modificação é realizada e apoiada, majoritariamente, pela comunidade LGBTQIA+ e por simpatizantes das causas desse grupo, que vêm lutando para se sentirem representados por meio da linguagem, mas enfrentam dificuldades pela não existência de um gênero “neutro” na Língua Portuguesa.

2. GÊNERO INCLUSIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Até o momento, chamamos a ideia de inserção de um novo modo de linguagem a ser utilizado pelos brasileiros, como é apresentado pelos defensores dessa causa, de linguagem “neutra”. No entanto, baseando-se na afirmação de Defendi e Gomes (2019), ao relatarmos que não existe neutralidade nas palavras, pois estão relacionadas às interações sociais e, assim, partem sempre de um ponto de vista - o que exclui a imparcialidade -, adotaremos, a partir de então, a definição de linguagem inclusiva para denotar a implementação do termo “todes” na língua portuguesa.

Diante disso, firmamos essa decisão pela noção de que, segundo Martin (1975 apud Possenti, 2022, p. 24), para verificar a existência de gênero em português, é necessário, primeiro, identificar se há concordância. Assim, não existe a possibilidade de chamar o termo “todes” e demais tentativas de variações das palavras da língua portuguesa de gênero neutro, justamente pela identificação de ausência de concordância entre as classes de palavras ao tentar modificá-las para caberem na formação de linguagem “neutra”.

Com isso, Cavalcante (2022, p. 82) relata que “[...] as interferências na língua são tentativas de criar formas novas de neutralidade - ou linguagem inclusiva, ou gênero neutro - e encontram espaço em diversas línguas, não só no PB [português brasileiro].”. Ademais, a autora afirma que essa mudança está além do nível da consciência e, provavelmente, por esse motivo, bem como por precisar criar manuais, notamos “um tom prescritivista ou soluções pouco naturais e produtivas”.

Nesse caso, a instabilidade de inserção de uma linguagem inclusiva no português brasileiro se dá por esta tentativa acontecer de maneira prescritiva, em que se faz necessário a construção de um manual de uso⁴ para que as pessoas possam acessá-lo ao desejarem utilizar

⁴ Já existem alguns manuais de uso da linguagem “neutra” na Língua Portuguesa, por exemplo, o manual elaborado por Almeida (2020), disponível em: <https://www.academia.edu/43853544/Manual_para_o_uso_da_linguagem_neutra_em_L%C3%ADngua_Portuguesa>.

essa forma de linguagem. Por fim, a impossibilidade de haver uma linguagem inclusiva no sistema gramatical brasileiro se dá pela ausência de naturalidade na aplicação desse uso.

3. UTILIZAÇÃO DO TERMO “TODES”

Com o surgimento do termo “todes”, sentimos a necessidade de classificá-lo gramaticalmente, uma vez que, nesta pesquisa, será analisado a partir de uma perspectiva morfossintática e discursiva. Assim, para se referir a esse objeto de investigação, aplicaremos a seguinte classificação: pronome indefinido de gênero inclusivo⁵. Para essa classificação, baseamo-nos em Cavalcante (2022), que classifica o *-e* utilizado na linguagem “neutra” como desinência de gênero inclusivo. Desse modo, compreenderemos o pronome “todes” e as demais classes de palavras que sofrem alteração em seu léxico para se adequarem a essa nova variante como linguagem inclusiva.

Concomitante a isso, Oliveira (2022, p. 192) expõe que “escrever ou falar ‘todes’ no lugar de ‘todos’ é mais do que a troca de um elemento linguístico na ortografia e na realização fonética de uma palavra; é uma manifestação social em busca de inclusão e afirmação de existência”. Nessa perspectiva, o gênero inclusivo é, para a sociedade, como a gramática é para a linguística: um instrumento de representação do que se quer dizer e, ao fazer isso, é imprescindível a aplicação desse elemento em contextos de uso da língua para que haja sentido no discurso.

Ao falar em gênero inclusivo, reforçamos a afirmação de Cavalcante (2022, p. 87) a respeito da classificação de gênero nas palavras, que, segundo ele, se dá de maneira “arbitrária e variável nas línguas, e não necessariamente relacionada ao significado da palavra no mundo biossocial, ou seja, não está associada a uma ideia de sexo para os seres sexuados”. Assim, justifica-se a inadequação de classificar o pronome indefinido de gênero inclusivo “todes” como gênero neutro, uma vez que não existe ser humano assexuado - aqui, entende-se “assexuado” como alguém sem sexo biológico.

Com isso, não há a imprescindibilidade de relacionar palavras da língua portuguesa ao gênero biológico ou social das pessoas de modo direto, pois isso acontece por meio de diversos fatores, a exemplo disso, temos a palavra “testemunha”, que pode ser usada para classificar

⁵ A definição “pronome indefinido de gênero inclusivo” não existe na língua portuguesa, o fato de fazermos uso dela neste trabalho serve, apenas, para a identificação do termo “todes”, que é nosso objeto de pesquisa.

indivíduos do sexo feminino ou masculino a partir do uso de um determinante e não, necessariamente, de uma vogal final marcadora de gênero.

4. MODIFICAÇÕES EM PALAVRAS DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ADEQUAÇÃO AO GÊNERO INCLUSIVO

Nesta seção, apresentaremos alguns exemplos de palavras que foram modificadas por determinados grupos de falantes para a tentativa de inserção delas na proposta de linguagem inclusiva do português brasileiro. Para especificar esse desejo de uma parte dos usuários da língua, baseamo-nos em Cavalcante (2022, p. 87), que declara: “a necessidade de oposição aos gêneros masculino e feminino como identidade de gênero passa para a língua[...]”. Assim, nota-se a influência, direta e indiretamente, das crenças ideológicas dos indivíduos de diferentes comunidades sociais nos modos de usar a língua para que ela seja o meio de representar os ideais dos falantes e, ao mesmo tempo, o instrumento responsável por incluir, no discurso, quem acredita na necessidade de uma variação da língua portuguesa para que, por meio disso, seja representado.

Diante do contexto, para explicar essas modificações, Cavalcante (2022, p. 87) expõe algumas mudanças na língua por meio do uso da vogal marcadora de gênero inclusivo (-e), ou, usando a expressão: “desinência de gênero inclusivo”. Vejamos:

a desinência -e e os pronomes neutros se opõem ao masculino e ao feminino não só como identidade, mas também gramaticalmente. Então, para substantivos (e aí os adjetivos por concordância) que tenham o traço [+humano] surge a oposição masculino/feminino/neutro: *aluno/aluna/alune; professor/professora/professore; cansado/cansada/cansade; nu/nua/nue.*”

Além disso, a pesquisadora especifica que

para as palavras com referente [+humano], teríamos ainda um sistema [±binário] de gênero subdividido: gênero +binário x gênero -binário. No grupo do [+binário], teríamos a oposição [masculino] x [feminino] e no do [-binário], o neutro, sendo todos marcados morfológicamente com $\square\emptyset/-a/-e$ (professor, aluno/professora, aluna/professore, alune). (CAVALCANTE, 2022, p. 88).

Portanto, percebe-se a utilização de palavras de gênero masculino ou feminino de um modo diferente, partindo do acréscimo da letra -e ao final do vocábulo ou da substituição da letra final, que indica o gênero da palavra, pela letra -e, indicando a intenção de não-binaridade na língua.

Ademais, Cavalcante (2022, p. 88) declara que essa subclassificação pode implicar na variação do uso das palavras no discurso. Assim, segundo ela, “há quem se apresente com: ‘Bom dia a todos, a todas e a todes’ e ‘Bom dia a todes’. O uso de *todes* na primeira saudação diferencia pessoas não binárias das demais pessoas; o segundo uso abrange todas as pessoas,

sem distinção”. Desse modo, nota-se que a construção do discurso revela o que o falante quer dizer. Assim, concluímos: a linguagem está intrinsecamente ligada ao indivíduo que a utiliza e, por isso, está sujeita a modificações. No entanto, a permanência das variações propostas por determinados grupos sociais firma-se - ou não - pela efetividade delas na linguagem oral, paralelamente à aceitação dessas mudanças pelos usuários da língua em geral.

5. ANÁLISE DO “TODES” EM POSTAGENS NO TWITTER

Na presente seção, expusemos a escolha pelo *corpus*, o processo de coleta de dados e a análise das postagens coletadas, que acontece pela descrição morfossintática e discursiva. A análise morfossintática foi realizada para observarmos a função e a relação sintática do “todes” com as palavras com as quais ele ocorre, bem como averiguarmos a necessidade ou não de concordância entre elas. A análise discursiva aponta as reflexões que julgamos importantes para interpretar o uso do “todes” a partir de questões sociais. O primeiro levantamento nos levou aos seguintes resultados:

Tabela 1: Ocorrências do pronome “todes”, quanto ao contexto morfossintático

Contexto Morfossintático do “todes”	Concorda com outras palavras do sintagma	Não concorda com outras palavras do sintagma	Número de ocorrências	%
Sintagma Preposicionado	16	213	229	73,9 %
Sintagma Nominal	22	59	81	26,1 %
TOTAL	38	272	310	100%

Fonte: Elaboração própria

Como é possível ver na Tabela 1, das 310 postagens coletadas, encontramos 229 publicações, ou seja, 73,9%, em sintagmas preposicionados e 81 ocorrências, 26,1%, em que o “todes” foi empregado dentro do sintagma nominal. Dentro do sintagma preposicionado, a maioria das ocorrências (213) não concorda com outras palavras, enquanto a minoria (16 delas) concorda. Dentro do sintagma nominal também predomina o uso do “todes” sem concordar com outras palavras (59 ocorrências) em relação ao uso do pronome concordando com as demais palavras do sintagma (22 ocorrências).

Para efeito de organização do *corpus*, os dados foram divididos a partir das situações comunicativas em que ocorreram, separadas aqui em seis categorias, são elas: 1) *agradecimentos*, compreendendo frases de gratidão por algo ou alguém; 2) *saudações*, formada por mensagens de desejo de bom dia, boa semana etc; 3) *felicitações*, caracterizada por frases de homenagem por algum dia comemorativo ou por alguma atitude; 4) *comentários*, definida

pelos postagens gerais sobre acontecimentos do dia a dia; 5) *convites*, compreendendo mensagens de anúncio de eventos e 6) *pedidos*, fazendo referência à solicitação para seguir determinadas orientações. Quanto às categorias apresentadas, encontramos os seguintes resultados:

Tabela 2: Ocorrências do “todes” quanto à situação comunicativa

Categorias	Ocorrências	%
Comentários	123	39,7%
Saudações	76	24,5%
Convites	51	16,5%
Agradecimentos	42	13,5%
Felicitações	11	3,5%
Pedidos	7	2,3%
TOTAL	310	100%

Fonte: Elaboração Própria

Assim, conforme vemos na Tabela 2, das 310 postagens coletadas, encontramos 123 postagens, 39,7%, na categoria de comentários; 76 (24,5%) na de saudações; 51 (16,5%) classificadas como convites; 42 (13,5%) como agradecimentos, 11 (3,5%) postagens categorizadas como felicitações e, por fim, 7 (2,3%) em pedidos. Diante desses dados, concluímos: a utilização do pronome indefinido de gênero inclusivo é mais recorrente nos discursos atrelados a considerações gerais sobre assuntos diversos, seguido das sentenças em que se expressam saudações a um público heterogêneo e, em sua maioria, desconhecido ao enunciador da mensagem. Portanto, consideramos a tese de que o uso do termo “todes” está relacionado ao desconhecimento do(s) receptor(es) da mensagem e, por isso, há necessidade de inclusão de um termo marcador de neutralidade. Na subseção a seguir, vejamos a análise de algumas postagens coletadas, organizadas nessas categorias.

5.1 Postagens do *Twitter*

Em uma publicação na categoria *Comentários*, temos:

Ex.1 “Olha a parceria aberta! Você *bookinfluencer*, quer ler colorum, o meu novo lançamento, antes de todes? Se inscreva no formulário e torça para se tornar **ume parceire** meu!” (*destaque nosso*).⁶

Nesse caso, houve a utilização do *-e* no final do artigo indefinido e do núcleo do objeto direto, com isso, deixa-se clara a intenção de se dirigir a um público heterogêneo. Por outro lado, ao dizer “meu”, o enunciador marca sua fala pelo gênero masculino do pronome possessivo, o que mostra a instabilidade no uso da linguagem inclusiva no contexto analisado, pois mesmo as pessoas que o propõem ainda demonstram ter dificuldade de como usá-la.

Portanto, percebemos que, na maioria dos casos, a adequação de palavras do português brasileiro para a inserção de uma possível linguagem inclusiva se dá com a intenção de se dirigir ao outro. No entanto, ao usar a primeira pessoa do discurso, geralmente, marca-se a fala em masculino ou feminino. Desse modo, consideramos o seguinte: a utilização do gênero inclusivo está mais para o desconhecimento do gênero da pessoa que recebe a mensagem do que para a que emite. Assim, concluímos: a marcação de gênero inclusivo acontece nas classes de palavras que funcionam em segunda ou terceira pessoa gramatical (singular ou plural) com o intuito de incluir, na enunciação, indivíduos de gênero feminino, masculino e não-binários.

Na categoria *Saudações*, temos, como exemplo:

Ex.2 “boa tarde a todes sejam bem vindes a esta mesa na qual trataremos sobre pautas periféricas do metaverso pra começar nosso papo convido ela q é presidenta da associação de luta pela moradia digna do metaverso”.⁷

Desse modo, conforme a afirmação de Mäder (2015, p. 41), percebemos, nessa construção enunciativa, que “o gênero do nome determinará o gênero dos elementos relacionados sintaticamente a ele”. Além disso, é interessante destacar o uso do termo “presidenta” para marcar o gênero da pessoa a qual está se referindo. Diante disso, podemos afirmar, mais uma vez, que o enunciador tende a usar a linguagem inclusiva quando se dirige a um público sobre o qual ele não tem conhecimento, mas usa a marcação de gênero quando conhece o receptor de sua mensagem.

Na categoria *Convites*, vemos:

Ex. 3 “[...] Convidamos a todes es interessades, militantes, pesquisadores, lutadoras/es sociais, estudantes e trabalhadores que carregam um mundo novo em seus corações para que se juntem ao Ateneu e ao ITHA [...]”.⁸

⁶ <https://twitter.com/estantedagabyh/status/1558192973480878080>

⁷ <https://twitter.com/falameuanjo/status/1557798501479743490>

⁸ <https://twitter.com/batalhadavarzea/status/1562932118451372032>

Com isso, é possível notar uma tentativa de adequação das palavras dentro do sintagma para concordarem com o pronome indefinido “todes”, porém não há essa adequação nas palavras “militantes” e “estudantes”, que não variam em gênero; e nem em “pesquisadores” e “trabalhadores”, mesmo variando em gênero. Entretanto, usa-se “lutadoras/es”, para marcar o gênero feminino e masculino da palavra. Além disso, temos o uso do artigo “es” para concordar com “interessades”, evidenciando uma forma de adequação das classes de palavras para que o texto apresente concordância.

Diante dessas ocorrências, percebe-se a dificuldade em ser totalmente neutro para escrever uma sentença em linguagem inclusiva. Assim, notamos a complexidade no uso da desinência de gênero inclusivo “-e” para denotar o neutro quando já existem palavras terminadas por essa vogal, referindo-se ao gênero masculino do nome ou a um coletivo, como nos exemplos apresentados por meio dessa publicação. Desse modo, conforme Schwindt (2020, p. 19), há uma ambiguidade nesses usos, o que dificulta a inserção de um gênero inclusivo em Língua Portuguesa partindo do pressuposto de que as letras -a, -o e -e são suficientes para diferenciar os gêneros das palavras.

Na categoria *Agradecimentos*, encontramos usos do tipo:

Ex.4 “[...] Obrigada a todes envolvidos e quem acompanhou a estreia. Acredite que ainda haverá surpresas e o projeto vai looonge. Para quem não acompanhou, se quiser dar uma chance, será bem vinde.”⁹

Assim, percebemos a ausência do artigo antes do adjetivo, o que pode evidenciar uma problemática na construção de uma linguagem inclusiva, pois, nesse caso, o determinante deveria também ser modificado para concordar com “envolvides”. Desse modo, como declara Schwindt (2020), a falta de determinação por artigos é um dos fatores que se impõe à construção de uma linguagem neutra no português. Outro fator importante é, mais uma vez, a diferenciação entre a variação do termo em primeira pessoa (“Obrigada”), marcando o gênero feminino e os termos em terceira pessoa, sempre no gênero inclusivo. Isso reforça a constatação de que a linguagem inclusiva está mais para a não marcação de gênero do receptor da mensagem do que para marcar o gênero de quem a emite.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As variações na língua estão sempre acontecendo em maior ou menor escala nas diversas comunidades de fala. Isso se dá para acompanhar as transformações dos indivíduos,

⁹ <https://twitter.com/atavolarpg/status/1558993409028808706>

considerando que a linguagem é o principal meio de comunicação e expressão, seja visual, escrita, oral ou em qualquer outra forma. De acordo com Bagno (2020), a língua está sujeita a mudanças com o tempo e a variações no espaço. Sendo assim, “todas as variedades de uma língua têm recursos linguísticos suficientes para desempenhar sua função de veículo de comunicação, de expressão e de interação entre seres humanos. Mas, por alguma razão, ou razões, só algumas servem de base para o padrão.” (BAGNO, 2020, p. 25). Partindo dessa afirmação, verificamos que a inserção de uma nova variante na língua portuguesa está condicionada a questões morfosintáticas e, paralelamente, sociais.

Considerando os objetivos instituídos, constatamos que o pronome “todes” ocorre, com maior frequência, em contextos discursivos informais baseados em comentários sobre assuntos pessoais, de pessoas famosas ou de acontecimentos diários, envolvendo o enunciador e o público-alvo de sua enunciação. Além disso, verificamos a ocorrência desse termo em postagens cujo texto estava direcionado a saudações, convites, agradecimentos - compreendendo os maiores números de frequência e, também, em publicações caracterizadas como felicitações e pedidos - com o menor número de frequência respectivamente. Com isso, notamos que o pronome indefinido de gênero inclusivo presente nas publicações coletadas do *Twitter* é usado, com maior frequência, para se referir ao outro, e não, necessariamente, para marcar o gênero de quem fala.

Com esta pesquisa, foi possível analisar que a linguagem mantém uma relação direta com os indivíduos, sendo um instrumento de representação de seus ideais e o meio de se posicionarem no mundo. Desse modo, à medida que é determinada pelos usuários da língua também determina o modo como eles percebem o que está a sua volta. Outro aspecto encontrado foi a presença do termo “todes” majoritariamente em sintagmas preposicionados, o que evidencia uma tendência ao uso desse pronome em sintagmas subordinados a outros, ou seja, de ele não ser núcleo dos constituintes principais das orações. Outrossim, percebemos, por meio das estruturas gramaticais nos discursos, que a construção de uma linguagem inclusiva em Língua Portuguesa ainda não atingiu o nível de concordância entre os termos das orações para que, como defende Cavalcante (2022), haja um novo gênero na língua.

Concomitantemente, notamos que as modificações na linguagem, para o uso de um gênero inclusivo, baseiam-se nos conhecimentos prévios dos indivíduos quanto à formação de frases, principalmente pelo fator concordância. Nesse sentido, verificamos que, para a instituição de uma linguagem inclusiva em língua portuguesa, os enunciados são construídos por meio de termos inclusivos, com o acréscimo da desinência de gênero inclusivo “-e” no final de palavras ou com a substituição da letra final dos vocábulos pela letra -e. No entanto,

identificamos divergências no uso do “todes” e das demais classes de palavras para concordarem com ele em uma situação discursiva. Isso se deu pela variação entre a utilização de termos gerais, com morfema zero, e a modificação de palavras para se adequarem ao gênero inclusivo em uma mesma situação comunicativa, bem como entre palavras com marcação de gênero gramatical e as novas palavras com marcação de gênero inclusivo. Por esse motivo, concluímos que a tentativa de uma comunicação inclusiva por meio do português brasileiro não acontece de forma natural – fator primordial para a naturalidade no uso da linguagem. Desse modo, verificamos a incongruência entre as classes de palavras nas postagens do *Twitter*, bem como a utilização do “todes” apenas como um termo marcador de inclusão, sem modificar as demais palavras do discurso, que são utilizadas de modo geral, ou seja, sem a marcação de gênero nos vocábulos. Portanto, não temos a utilização de um sistema de linguagem inclusiva, mas sim a aplicação de um termo marcador de inclusão (todes) e a tentativa de modificação de palavras, que não funcionam efetivamente na língua pela falta de concordância e, também, de naturalidade.

Diante do exposto, os objetivos alcançados foram primordiais para identificarmos os contextos morfossintático e discursivo em que o pronome “todes” ocorre por meio das publicações no *Twitter* durante o mês de agosto de 2022. Além disso, constatamos que a variação de palavras binárias na Língua Portuguesa está passando por uma ampliação e, com isso, há a modificação de vocábulos para a inserção de uma linguagem inclusiva com o intuito de poder se dirigir a pessoas não binárias por meio de uma linguagem própria.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Maria Cristina de. **Metodologia do trabalho científico**. UFPB. 2013.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 17 ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

CAVALCANTE, Silvia. A morfologia de gênero neutro e a mudança acima do nível de consciência. In: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos. OTHERO, Gabriel de Ávila (Org.). **Linguagem “neutra”**: língua e gênero em debate. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2022.

CHIZZOTTI, Antônio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios**. Portugal: Revista Portuguesa de Educação, v. 16, n. 2, p. 221-236:

CUNHA, Celso Ferreira da. CINTRA, Luis Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7ª ed. 2ª impressão. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

DEFENDI, Cristina Lopomo. GOMES, Thamires Rodrigues. **Alternativas que buscam neutralizar o gênero gramatical: Usos e motivações.** Revista The Specialist, v. 40, n. 1, p. 1-10, 2019.

ELÁSTICA. Disponível em: <https://elastica.abril.com.br/especiais/termos-juvelicos-genero-atracao-aquileano-safica/>. Acesso em: 20 de Nov. de 2022.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power.** 2nd edition. USA: Pearson Education ESL, 2001, p. 1-52.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas da Pesquisa Social.** 6.ed. São Paulo: Ática, 2008.

GONÇALVES, Tálita. Como funciona o *twitter*?. **Etus.** 2021. Disponível em: <https://etus.com.br/blog/como-funciona-o-twitter/>. Acesso em: 20 de Nov. de 2022.

MÄDER, Guilherme Ribeiro Colaço. **Masculino genérico e sexismo gramatical.** Dissertação (mestrado): Florianópolis, SC, p. 1-159, 2015.

OLIVEIRA, Samuel Gomes de. A linguagem neutra e o ensino de língua portuguesa na escola. In: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos. OTHERO, Gabriel de Ávila (Org.). **Linguagem “neutra”:** língua e gênero em debate. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2022.

RODRIGUES, William Costa. **Metodologia científica.** Paracambi: FAETEC/IST, 2007.

SCHWINDT, L. C. **Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico.** Revista da Abralín, v. 9, n. 1, p. 1-23, 2020.

STENGEL, Márcia; SOARES, Samara Souza. **Netnografia e a pesquisa científica na internet.** Belo Horizonte: Psicologia USP, 2021.